OPINIÃO SOCIALISTA

O JORNAL DO PSTU
Ano XI - Edição 293
Colaboração: R$ 2
De 29/03 a 04/04/2007

ENCONTRO NACIONAL DEFINE PLANO DE LUTAS CONTRA AS REFORMAS

EVENTO REUNIU SEIS MIL ATIVISTAS DA CONLUTAS, INTERSINDICAL, PASTORAIS, MOVIMENTO ESTUDANTIL E POPULAR.

Páginas 5,6,7,8 e 9

FASHION – A governadora do Pará, Ana Júlia (PT), contratou sua cabeleireira e seu esteticista como "assessores especiais" do seu gabinete.

PÁGINA DOIS

AMIZADE COLORIDA – "Nunca fui inimigo dele". Foi assim que Collor definiu sua relação com Lula, após visitá-lo no Planalto.

CALADA DA NOITE

A Comissão de Finanças e Tributação da Câmara dos Deputados aprovou o aumento de 26,49% nos salários dos parlamentares – deputados e senadores. Eles, que já recebiam R$ 12.850, passarão a receber R$ 16.250. A votação ocorreu no dia 22. O projeto vai agora para o plenário da Câmara. A decisão foi acertada na calada da noite entre os deputados da comissão e Arlindo Chinaglia (PT), presidente da casa. Uma clara manobra para atenuar a impopularidade da medida. Por outro lado, Chinaglia cumpriu sua promessa de campanha de aumentar os salários dos picaretas.

PÉROLA

"Os usineiros de cana, (...) eram tidos como se fossem os bandidos do agronegócio (...) estão virando heróis nacionais e mundiais".

LULA, Com tantos "heróis", o presidente vai formar uma Super-Liga da Injustiça (*Agência Brasil, 20/3/2007*)

LIBEROU GERAL

Mas a farra não parou por aí. A Comissão dos Deputados aprovou também decreto que trata da prestação de contas da verba indenizatória, atualmente fixada em R$ 15 mil. O decreto prevê que os deputados e senadores não precisarão comprovar gastos de um terço desse valor. Com isso, os deputados terão mais R$ 5 mil para gastar sem precisar apresentar notas fiscais.

CHARGE / LUIGI ROCCO

REIVINDICAÇÃO ATENDIDA

De lambuja, o aumento dos salários dos parlamentares também fez aumentar os salários dos ministros. Agora eles passarão a receber R$ 10.192. Dias antes, Lula afirmou que seus ministros eram "heróis", porque recebiam R$ 8 mil, valor considerado "muito baixo" pelo presidente. Parece que sua reclamação foi atendida. Num país em que o salário mínimo é de R$ 350, isso é um escândalo que deve ser repudiado pela classe trabalhadora.

KI-BOOM!

No último dia 22, o governo fantoche do Iraque e o secretário-geral da ONU, Ban Ki-Moon, foram surpreendidos por uma ação da resistência iraquiana. Ki-Moon estava visitando o país e durante uma entrevista coletiva em Bagdá, justamente quando dizia que pretendia incrementar a presença da ONU no Iraque, dado que as condições de segurança "haviam melhorado", uma explosão sacudiu literalmente a sala onde ele estava. A explosão foi provocada por um míssil que caiu a 50m do local. Além de ser ridiculamente desmentido, por muito pouco Ki-Moon não se escondeu debaixo da tribuna da qual falava.

ASSINE O OPINIÃO SOCIALISTA SEMANAL
assinaturas@pstu.org.br
www.pstu.org.br/assinaturas

NOME: _____
_____ CPF: _____
ENDEREÇO: _____
_____ BAIRRO: _____
CIDADE: _____ UF:_____ CEP: _____
TELEFONE: _____ E-MAIL: _____
○ DESEJO RECEBER INFORMAÇÕES DO **PSTU** EM MEU E-MAIL

MENSAL COM RENOVAÇÃO AUTOMÁTICA

☐ MÍNIMO (R$ 12) ☐ SOLIDÁRIA (R$ 15)

FORMA DE PAGAMENTO

☐ DÉBITO AUTOMÁTICO. DIA:
○ BB ○ NOSSA CAIXA ○ BANRISUL ○ BESC
○ BANESPA ○ CEF AG. _____ CONTA _____
OPERAÇÃO (SOMENTE CEF)_____

TRIMESTRAL	SEMESTRAL	ANUAL
☐ (R$ 36)	☐ (R$ 72)	☐ (R$ 144)
☐ SOLIDÁRIA: R$_____	☐ SOLIDÁRIA: R$_____	☐ SOLIDÁRIA: R$_____

FORMA DE PAGAMENTO

☐ **CHEQUE ***
☐ **CARTÃO VISA Nº** _____ **VAL.** _____
☐ **DÉBITO AUTOMÁTICO. DIA:**
○ BB ○ NOSSA CAIXA ○ BANRISUL ○ BESC
○ BANESPA ○ CEF AG. _____ CONTA _____
OPERAÇÃO (SOMENTE CEF)_____
☐ **BOLETO**

Envie cheque nominal ao **PSTU** no valor da assinatura para Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000 - Fax: (11) 5581.5776

LANÇAMENTO

O ENCONTRO DA REVOLUÇÃO COM A HISTÓRIA, DE VALÉRIO ARCARY.

Em sua nova obra, Valério Arcary resgata o real significado do socialismo, maculado pela política stalinista na URSS. Ele inicia o último capítulo justamente dizendo que "*o projeto socialista é o de uma gradual satisfação de mais e mais necessidades, e não uma restrição a requisitos básicos*".

Edmundo Fernandes Dias, professor da Unicamp, autor do prefácio da obra escreve que as "*as lutas de classe são o processo pelo qual as sociedades expressam, convulsivamente, a necessidade das mudanças. Revoluções aconteceram e continuarão acontecendo porque nem sempre as mudanças são conseguidas por reformas do sistema. (...) ao longo de dez ensaios, Valério Arcary se dedica à recuperação da história de debates e controvérsias sobre as condições objetivas e subjetivas da superação revolucionária do capitalismo e retira daí valiosos ensinamentos para iluminar o caminho dos socialistas de hoje*". O livro é uma co-publicação da Editora Sundermann e da Editora Xamã.

Pedidos:
"O encontro da revolução com a História"
R$ 40,00 - Frete grátis para todo o país
Editora Sundermann - Tel: 11 3253-5801
vendas@editorasundermann.com.br

ATAQUES AO CEMARX

Ex-professor da Unicamp, Eduardo Chaves, atualmente Subsecretário de Ensino Superior do governo José Serra, atacou em sua página na Internet a presença da esquerda nas universidades do estado. "É preciso combater a esquerda na universidade", disse o novo aspirante a Joseph McCarthy, senador republicano que perseguiu socialistas nos EUA, na década de 50.

Chaves mirou seus ataques ao Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) e a revista "Crítica Marxista", dedicados ao estudo do marxismo e da discussão do socialismo. Caio Navarro de Toledo, diretor do Cemarx, qualificou os ataques como uma ação "obscurantista". Em carta, Toledo e Álvaro Bianchi, também diretor do Cemarx e colaborador do Opinião Socialista respondem os ataques e chamam os professores, funcionários e estudantes das universidades paulistas a "prosseguir na luta de resistência contra o intervencionismo do governo Serra e impedir que ele se amplie para a área científica e cultural".

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva, Yara Fernandes **DIAGRAMAÇÃO** Carol Rodrigues **REVISÃO** Marisa Carvalho **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5576 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1º andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - Rua Fonte do Gravatá, 36, Nazaré (71) 3321-5157 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282 Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul - CONIC - Edifício Venâncio V, sala 28 Asa Sul - Brasília - DF (61) 3321-0216 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro, nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629 *uberaba@pstu.org.br*
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2519 - (91) 3226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1 (91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sala 4

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Leão Coroado, 20 - Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br* (21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE *sulfluminense@pstu.org.br*
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE *nortefluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II
CURRAIS NOVOS - Rua Candido Mendes, 150, Centro

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
ALVORADA - Rua Jovelino de Souza, 233, Parada 46 (51) 9284-8807
BAGÉ - (53) 8402-6689 / 3241-7718
PASSO FUNDO - (54) 9993-7180
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 84061675 / 3223-3807, *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696 agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br* *www.pstusp.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215 *bauru@pstu.org.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - R. Coronel Domingos Ortiz, 423 - Centro *francodarocha@pstu.org.br*
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 705 casa 2 Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro Gualberto, 53 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Dr. Gurgel, 1555 - Vila Sta. Helena - (18) 3221-2032
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11) 4339.7186 *saobernardo@pstu.org.br*
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

AGORA É IR PARA AS BASES

Existem emoções difíceis de transmitir. Por mais que se conte com detalhes o que aconteceu no dia 25 de março em São Paulo, no Encontro Nacional contra as reformas, será difícil chegar perto da emoção vivida diretamente por seus participantes.

O Encontro superou todas as expectativas. Em primeiro lugar pelo número de participantes. Sem dinheiro da corrupção ou apoio do estado, os ativistas e os sindicatos de todo o país bancaram a vinda para São Paulo de quase seis mil representantes do movimento sindical, estudantil e popular. Isso só foi possível porque existe um ânimo novo nas bases, talvez uma preparação para lutas futuras do país. A imagem do ginásio lotado, repleto de bandeiras vermelhas, fez vir lágrimas aos olhos de muitos.

Em segundo lugar, o Encontro foi uma demonstração do acerto da política de frente única e unidade de ação. Setores muito diferentes em suas posições políticas debateram e deliberaram bandeiras e um plano de ação comum. Ou seja, foram privilegiados, por cima das diferenças existentes, os acordos que podemos alcançar para lutarmos juntos. Essa não é a lógica que predomina em amplos setores de esquerda, que por sua miopia política, não conseguem ver a necessidade de que as massas de trabalhadores se coloquem em luta, e para isso é necessária a unidade. Esse Encontro foi marcado pela política de frente única, que possibilitou juntar em um mesmo plano de lutas a Conlutas, a Intersindical, as pastorais sociais da Igreja, algumas confederações, as principais entidades do funcionalismo federal e do movimento estudantil e popular.

A combinação do grande número de presentes e da política unitária produziu um Encontro com uma força impressionante. As pessoas se sentiam fazendo história, pelo caráter inédito da reunião.

NOVAMENTE UM CHAMADO AO MST

As representações das entidades convidadas, como o MST e a CSC, têm agora a difícil missão de levar o balanço desse Encontro às suas entidades. Como sabemos, nenhuma dessas entidades rompeu com o governo. Suas direções seguem ainda acreditando que é necessário lutar "contra o imperialismo" e não contra o principal ponto de apoio de Bush no Brasil, que é o governo Lula.

No entanto, o encontro demonstrou claramente a preparação de uma ampla frente contra o governo, que pode ter uma repercussão muito importante entre os trabalhadores. Por isso, fazemos um chamado ao MST e a CSC para que rompam com o governo, sem o qual não será possível sustentar essa luta até o fim.

CONSTRUIR O PLANO DE LUTAS NAS BASES

Agora, a vitória do Encontro possibilita dar um passo maior e mais difícil. O governo Lula ainda tem o apoio da maioria dos trabalhadores. Mas é possível disputar a consciência dos trabalhadores com esse plano de lutas que foi definido no Encontro. E é possível fazer com que setores importantes dos trabalhadores rompam com o governo e se integrem nessas mobilizações. A disputa pelas massas trabalhadoras está colocada já na abertura do segundo mandato de Lula.

Para isso, é necessário que cada um dos presentes no Encontro leve para sua fábrica, escola, comunidade as propostas do Encontro. Além disso, devemos levar para as nossas bases a idéia simples e poderosa de que podemos lutar juntos, unificados com outras categorias e regiões.

Todos para as bases discutir as propostas do Encontro Nacional! Vamos começar a construir a primeira etapa do plano de lutas que são os atos de Primeiro de Maio desse Fórum que acabamos de criar.

OS 12 TRABALHOS: DA MITOLOGIA À PERIFERIA BRASILEIRA

YARA FERNANDES, da redação

Heracles, na mitologia grega, é filho de Zeus e da princesa Acmena. É mais conhecido pelo seu nome romano, Hércules. Hera, esposa de Zeus, enciumada com o nascimento de Heracles, pois desejava elevar o primo Euristeu ao trono da Grécia, enviou duas serpentes para matá-lo no berço, mas o herói estrangulou-as. Mais tarde, a tia usa um feitiço para enlouquecê-lo, que faz com que Heracles acabe matando sua própria mulher e filhos. Para ser perdoado, ele é então obrigado a cumprir 12 trabalhos designados por Eristeu, ao final dos quais ele alcança o perdão e a imortalidade.

Esta é a história mitológica que inspirou o filme Os 12 trabalhos, do brasileiro Ricardo Elias. O filme acompanha os acontecimentos do primeiro dia de trabalho do jovem Heracles (Sidney Santiago) como motoboy. Ele é um rapaz negro da periferia, que saiu há pouco tempo da Febem e tenta sair do caminho do tráfico de drogas. Para isso, é auxiliado por seu primo Jonas (Flavio Bauraqui), que o indica para trabalhar na empresa de entregas rápidas. Como experiência para ser contratado, ele tem que cumprir 12 entregas naquele dia.

UM COLECIONADOR DE HISTÓRIAS

O espectador acaba indo com Heracles em sua motocicleta, passando em alta velocidade por diversos pontos da cidade de São Paulo. As cenas velozes e a câmera na mão dão ao filme o mesmo ritmo frenético da capital paulistana e da vida dos motoboys. A fotografia também é poluída pelo caos visual típico de São Paulo.

Heracles enfrenta preconceitos, grosserias, burocracias e dificuldades em seus diversos trajetos. Em cada destino, o rapaz também colhe uma história, imagina seu desfecho, se sente o narrador daquelas vidas. A moça que vende pastel e quer ser modelo, a namorada que se despede de seu amado no aeroporto, a professora aposentada e seu gato, o senhor sem amigos e sem família que paga o motoboy para que ele o acompanhe nos exames médicos, o publicitário viciado em drogas, a garotinha que o ajuda a desfazer o erro de uma entrega. Nesses momentos, o ritmo do filme muda, torna-se leve, auxiliado pela boa trilha sonora. Tais histórias colecionadas trazem ao rapaz a inspiração para, nas horas vagas, desenhar histórias em quadrinhos em seu caderno.

Apesar de ser ficção, uma paródia da mitologia grega, as cenas do filme mostram muito da realidade, com as dificuldades da profissão, o ritmo pesado, o companheirismo e a união entre os motoboys.

MUITOS OUTROS HERACLES

Há uma grande diferença entre o Heracles mitológico e este do filme de Ricardo Elias. O personagem mitológico tem seu heroísmo reconhecido através de seus poderes sobre-humanos e da grandiosidade dos trabalhos que realiza, como estrangular um leão de pele invulnerável, matar um monstro de muitas cabeças, ou um touro que lança chamas pelas narinas, ou limpar os estábulos de três mil bois, não cuidados durante trinta anos.

Já o jovem personagem do filme não possui força ou velocidade sobrenaturais, nem tem como desafios monstros apavorantes. Seu heroísmo está nos obstáculos que enfrenta. Para o jovem da periferia brasileira, enfrentar a violência, a má educação pública, a falta de perspectivas profissionais, o tráfico de drogas, é tarefa hercúlea. Segundo o Dieese, 45,5% dos brasileiros entre 16 a 24 anos estão desempregados e os programas de inserção da juventude no mercado de trabalho de Lula são uma farsa. Além disso, quase 18% dos brasileiros entre 15 e 17 anos estão fora da escola, a maioria vivendo nas chamadas áreas de risco.

Como se isto não bastasse, a profissão de motoboy, por onde muitos jovens tentam iniciar uma vida profissional digna, por fora do tráfico, enfrenta preconceito, precariedade e violência (veja quadro).

SUBVERTENDO O HEROÍSMO

Ao observar a universalidade deste personagem, pode-se constatar que, ao parodiar a história de Hércules, Ricardo Elias desconstrói o próprio conceito de herói. O Herói, por definição, é mítico, sobre-humano, semideus. Mas é, sobretudo, uma figura de exceção, é único.

O Heracles do filme, por sua vez, é o rosto de muitos heróis, do povo simples e lutador (e não os "heróis" de Lula, como usineiros e ministros). A ruptura com a individualidade do herói permite identificar, não um, mas milhões de Heracles, que matam um leão por dia nas periferias brasileiras.

Profissão perigo

Pesquisa Datafolha feita em São Paulo e divulgada em janeiro de 2007 mostrou que, quando questionados sobre os motoboys, 33% dos moradores os associam a aspectos negativos, 18% relacionam a categoria a pontos positivos e 47% citam apenas características da profissão. Dos que citaram aspectos negativos dos motoboys, 21% os relacionam à imprudência ou à insegurança; 7% citam termos como loucos, estressados e apressados; e 3% os chamam de malandros e marginais.

Como se o preconceito já não bastasse, os motoboys são um setor característico deste período neoliberal do capitalismo. É um subemprego muitas vezes temporário, com toda a precariedade possível, remuneração por entrega, sem direitos trabalhistas, sem segurança, com carga horária de cerca de 10 horas diárias.

No crescente setor de serviços, os motoboys e o telemarketing são portas de entrada para o mercado de trabalho para toda uma juventude. Somente na cidade de São Paulo, há cerca de 300 mil motoboys. Como os melhores são os que fazem entregas mais rápidas, esses jovens são vítimas recorrentes dos acidentes de trânsito. A cada dia morrem, em média, dois motoboys na capital, sem contar os feridos.

A falta de perspectivas da juventude da periferia e a precariedade e risco da profissão de entregas rápidas se somam à violência. Oriundos da periferia e em sua maioria negros, esses jovens também são vítimas da violência policial e do crime organizado.

Exemplo disso é aconteceu recentemente no Rio de Janeiro, onde o motoboy Fábio Fernandes Rocha foi um dos assassinados num confronto entre traficantes e milicianos nas comunidades da Cidade Alta (Cordovil) e Barbante (Ilha do Governador).

SAIBA MAIS

- Além do filme de ficção de Ricardo Elias, é possível assistir ao documentário "Motoboys - Vida Loca" (2004), de Caíto Ortiz, que procura desvendar a realidade dessa profissão e suas grandes dificuldades. O documentário expõe os sonhos e medos de quatro motoboys e uma motogirl, através de várias entrevistas e do registro de seu cotidiano. Também mostra as muitas visões que se tem da profissão, desde os que elogiam a rapidez do serviço até os que os odeiam no trânsito.

DISPOSIÇÃO E GARRA PARA CONSTRUIR A UNIDADE

DA REDAÇÃO,

Foi com muita empolgação e com a certeza de que deram um passo histórico para a reorganização do movimento sindical, estudantil e popular que cerca de seis mil lutadores lotaram o ginásio do Ibirapuera onde foi realizado, no dia 25, o Encontro Nacional Contra as Reformas.

Previsto para reunir em torno de quatro mil pessoas, o encontro superou todas as expectativas. Logo no início a coordenação do evento anunciou que se esgotaram todos os cinco mil crachás confeccionados para o evento. A reação foi instantânea. No ginásio, dezenas de bandeiras se agitaram, seguidas da explosão de alegria e da palavra de ordem "*contra o governo neoliberal unir a luta no Encontro Nacional*".

O ex-deputado Babá, do PSOL, deu um conselho: "*Estamos vendo aqui um evento histórico. Guardem seus crachás*".

A grandiosidade dos números não parou por aí. Ao todo, estiveram presentes 626 entidades, oposições e movimentos, que vieram de 201 cidades e 19 estados. A força do evento pôde ser vista na composição da mesa: Conlutas, Intersindical, FST, MTL, MTST, Pastorais Sociais, Conlute, Andes-SN, ASSIBGE, Condsef, Fenafisco, Fenasps, Sinasefe e Sinait. Além da representação do MST, da CSC e de PSTU, PSOL e PCB.

DE TODO O PAÍS

Mas o sucesso do encontro se deve, acima de tudo, a todos aqueles que não mediram esforços para participar da atividade. Do Pará, vieram cerca de 150 ativistas – entre trabalhadores da construção civil, rodoviários, camponeses e servidores públicos, da Conlutas e da Intersindical - que viajaram 55 horas para dizer não às reformas. Na delegação também estavam vinte ativistas que vieram do longínquo Amapá.

De Minas Gerais vieram 800 ativistas e dirigentes sindicais. Pernambuco trouxe 89 pessoas. Eles fizeram questão que a delegação fosse anunciada no ato. "*Fizemos um grande esforço para chegar aqui. Foram 52 horas de viagem e estamos desde as 4 horas da manhã aqui. Tem de anunciar*", cobrou um integrante da caravana.

Já o Rio de Janeiro, que uma semana antes previa enviar 24 ônibus, chegou ao encontro com 31; cerca de mil e trezentos ativistas. Na caravana, destaque para os metalúrgicos de Volta Redonda. Para Mariana Caetano, dirigente do Sepe-RJ, quem veio ao Encontro voltará fortalecido: "*Voltaremos para nossas cidades para seguir em frente com as lutas através do fórum nacional que estamos criando*".

Entre os participantes era grande o número de ativistas sem-teto e sem-terra do MTL, MTST e da ocupação do Pinheirinho em São José dos Campos (SP).

Representantes do MTST pediram a solidariedade de todos à ocupação João Cândido, na zona sul de São Paulo, onde centenas de pessoas estão há uma semana, enfrentado ameaças e ordens de despejo. "*Trouxemos aqui em torno de 600kg de alimentos para doar para os companheiros*", disse Marcos Praxedes, do MTST.

PRESENÇA INTERNACIONAL

O evento retomou a tradição internacionalista da classe trabalhadora, com a presença de lideranças do Haiti, Bolívia e Uruguai. O dirigente da Central Operária Boliviana (COB) Ramiro Condore foi bastante aplaudido ao dizer que "*é preciso lutar para derrotar o neoliberalismo em nossos países*". Didier Dominique, sindicalista haitiano do grupo Batalha Operária, denunciou a ocupação no Haiti pelas tropas da ONU e falou sobre o papel do Brasil. "*Sabemos que as tropas não foram mandadas pelo povo do Brasil e sim pelos reacionários do Brasil.*", disse.

UNIDADE FOI O LEMA

A unidade em torno da luta contra as reformas do governo Lula é o grande saldo político do encontro.

Na sua fala, Zé Maria, da Conlutas, ressaltou a importância da unidade que está sendo construída para fortalecer a luta contra as reformas. O dirigente afirmou que essa luta tem endereço: o Palácio do Planalto: "Lula já escolheu seus heróis. São os usineiros e os empresários. Os nossos heróis continuam os mesmos. Os cortadores de cana, os operários, os sem-terra e os sem-teto". No plenário, os participantes responderam com entusiasmo, erguendo uma enorme bandeira da Conlutas e cantaram: "*eu sou Conlutas, sou radical, não sou capacho do governo federal*".

Mané Melato, da Intersindical, que falou na seqüência, disse que a construção do encontro deu trabalho, "*no entanto, o mais importante está pela frente: discutir e superar nossas diferenças para construir a mobilização*".

Representando o MST, que participou como observador do encontro, Gilmar Mauro, ressaltou a satisfação por estar presente: "*O significado deste evento está evidente no visual que vejo no plenário. Ele é vermelho, como também é muito mais vermelho o conteúdo deste debate*". Gilmar declarou ao Opinião que o MST procura construir com a Conlutas e a Intersindical um calendário comum de luta contra as reformas.

A perspectiva da unidade também é partilhada por Paulo Pedrini, que falou em nome das pastorais sociais. "*No segundo mandato vemos que o governo caminha ainda mais para a direita, isso faz com que muitos reflitam e caminhem para a construção de uma unidade mais ampla. O que nos une é o sentimento de classe*", concluiu.

RECONHECIMENTO

Uma das presenças mais destacadas foi a de Heloísa Helena. A ex-candidata à presidência pela Frente de Esquerda falou em nome do PSOL e destacou a importância do PSTU para a construção de uma alternativa de luta para o país. "*É preciso reconhecer o papel que os companheiros do PSTU tiveram nesse processo inicial de reorganização do movimento sindical. É preciso humildade para se avançar juntos. E se esta unidade depender do PSOL, tenham certeza que ela será construída, porque esta é uma tarefa única e emergencial de todo o movimento para enfrentar o governo Lula*".

É PRECISO VENCER

Falando em nome do PSTU, Valério Arcary incendiou o plenário quando disse: "*É possível lutar. É preciso vencer*". Segundo ele, "há quatro anos, muitas pessoas diziam que não seria possível reagrupar a esquerda, que sair da CUT seria um suicídio, que os socialistas não poderiam se reorganizar. E hoje, aqui, demonstramos não só que é possível reorganizar a esquerda, como também que é possível lutar e vencer".

O sentimento de unidade alcançou todos que estiveram no encontro. Sentimento este que aumenta a certeza de que é possível derrotar as reformas neoliberais do governo. No rosto de cada um se via o orgulho e a satisfação de todos que se dedicaram à construção do encontro.

A fala de Plínio de Arruda Sampaio, ex-candidato ao governo de São Paulo pela Frente de Esquerda, dá a dimensão exata dos desafios que estão por vir. "*Agora nós vamos avançar. Agora vamos para cima. Vamos levantar a classe operária. Isto é o que fará algum historiador, daqui a alguns anos, dizer que o dia 25 de março de 2007 marcou a volta da classe operária à ofensiva*".

Encontro Nacional coloca luta contra as reformas em outro patamar

UNIDADE INÉDITA sob o governo Lula traz perspectiva de grandes mobilizações

***DIEGO CRUZ**, da redação*

Ao final do Encontro Nacional, apesar de todo o cansaço e o forte calor que dominou grande parte do dia, os militantes de punho cerrado entoavam com garra a Internacional. A imagem final do vitorioso encontro mostra uma parte do resultado desse evento: um forte impulso no ânimo da vanguarda combativa na luta contra as reformas.

Antes mesmo do início do Encontro, quando as caravanas ainda chegavam a São Paulo, ninguém tinha mais dúvidas de que, a partir daquele momento, a luta contra as reformas entrava numa nova fase. O grande número de participantes, que excedeu em muito as mais otimistas expectativas, mostra não só um grau avançado de desencanto e ruptura de importantes setores dos trabalhadores com o governo, mas também uma unidade inédita dos lutadores desde o início do governo Lula.

SUPERANDO A DIVISÃO

Na própria fase de preparação e convocação do dia 25, já ficava evidente que vivíamos um período distinto daquele que marcou o primeiro mandato do governo Lula. Primeiramente chamado pela Conlutas, a convocação ao Encontro reuniu setores importantes dos trabalhadores, como o FST (Fórum Sindical dos Trabalhadores), Intersindical, MTL (Movimento Terra, Trabalho e Liberdade), MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), CEBs e Pastorais Sociais de São Paulo, Andes-SN, Assibge, Cobap, Condsef, Fenafisco, Fenasps, Sinait e Sinasefe.

Essa gama de representações e forças por si só já compunha uma unidade superior a qualquer outra forjada sob esse governo de Frente Popular. Isso ocorre, pois o primeiro governo de Lula marcou a divisão do movimento. Quando eleito, Lula implementou uma política de cooptação das direções do movimento sindical, aprofundando a adaptação da CUT ao aparelho do Estado. Antigos dirigentes sindicais ocuparam cargos em fundos de pensão e nas direções de estatais, abandonando qualquer perspectiva de independência de classe. Em 2003, a CUT realizou sua primeira grande traição contra os trabalhadores apoiando a reforma da Previdência no setor público, mostrando que mudara de malas e bagagens para o outro lado.

Com relação aos movimentos sociais, se deu o mesmo processo. Foi desta forma que Lula dividiu o movimento sindical e popular, o que possibilitou que ele aprofundasse a política neoliberal no país sem que quase houvesse resistência.

NOVO MARCO NA REORGANIZAÇÃO

A Conlutas foi a primeira organização a expressar a construção de uma alternativa à CUT, aglutinando os setores que rompiam com o governo e sua central e evitando sua dispersão. No entanto, algumas forças que se colocavam contra os ataques do governo, contraditoriamente, insistiam em permanecer limitados aos marcos da CUT, negando-se a realizar qualquer ação e impondo de fato uma divisão no campo combativo.

Porém, com o desgaste crescente do governo, a cada vez mais evidente adaptação da CUT e a experiência realizada pelas massas, tal divisão imposta pelo governo Lula começa a ser superada, sendo o Encontro Nacional maior expressão desse processo. Isso é o que explica a integração da Intersindical e demais forças à convocatória do encontro, assim como a presença do MST e da CSC (Corrente Sindical Classista), a corrente sindical do PCdoB, que enviaram representantes ao evento.

Uma ação unificada reunindo a Conlutas, os setores que hoje compõem a Intersindical, as Pastorais de São Paulo, Federações e demais entidades e movimentos nacionais presentes ao Encontro era algo improvável há pouco tempo atrás. Tal fato comprova um novo período nas lutas dos trabalhadores. A imagem das várias bandeiras juntas, após quatro anos de dispersão das forças de esquerda, refletiu-se na grande maioria das falas, que conclamaram a ampliação da unidade como único meio de se contrapor aos ataques do governo.

Esta nova situação abre uma grande perspectiva de mobilizações. Se, em 2003, o governo Lula conseguiu atacar a Previdência pública, agora não será tão simples. Como afirmou Valério Arcary durante o Encontro, o governo encontrará pela frente uma "grande muralha de lutas".

Tal unidade no movimento de massas só pôde ser construída a partir da política de frente única e unidade de ação que a Conlutas vem desenvolvendo desde o início de sua organização. Ou seja, a possibilidade de unir distintos setores com posições bem diferentes ao redor de uma luta comum. Agora, o dia 25 inicia a concretização dessa unidade. Ou seja, não se trata somente da "unidade pela unidade", mas, como o próprio nome do Encontro já diz, a unidade para a luta dos trabalhadores, contra as reformas e "em defesa da aposentadoria e dos direitos sociais, sindicais e trabalhistas".

Fortalecer a Conlutas para impulsionar resistência

O Encontro Contra as Reformas também deu a real dimensão da enorme responsabilidade que a Conlutas tem na organização da resistência contra os ataques do governo Lula. Principal organizador do Encontro, a Coordenação Nacional de Lutas desde o início tem sido a principal voz a conclamar a unidade nas lutas.

Desta forma, por anos, a Coordenação Nacional de Lutas realizou um permanente chamado às demais forças para que rompam com o governo e a CUT e se somem na luta em defesa dos direitos.

Além disso, o Encontro também mostra que a reorganização do movimento de massas passa pela ação dos movimentos sociais, tanto os de luta pela terra quanto os que reivindicam moradia. A presença de movimentos como o MST, MTST, MTL, e outros demonstra a necessidade de organizar esses setores dos trabalhadores e não apenas os que estão nos sindicatos. Tal tarefa é o que propõe a Conlutas, organizando e unificando as lutas dos trabalhadores do campo e da cidade, vítimas da política neoliberal aplicada pelo governo.

Portanto, a vitória na luta contra as reformas e em defesa dos trabalhadores passa de forma decisiva pelo fortalecimento da Conlutas enquanto alternativa de organização e luta.

"Lula já escolheu seus heróis. São os usineiros e os empresários. Os nossos heróis seguem sendo os mesmos. Os cortadores de cana, os operários, os sem-terra e os sem-teto".
JOSÉ MARIA, DA CONLUTAS

"É preciso reconhecer o papel que os companheiros do PSTU tiveram nesse processo inicial de reorganização do movimento sindical. E se esta unidade depender do PSOL tenham certeza que ela será construída".
HELOISA HELENA (PSOL)

"A luta vai ser difícil. Construir o Encontro deu trabalho, mas o mais importante está pela frente: discutir e superar nossas diferenças para construir a mobilização".
MANÉ MELATO, INTERSINDICAL

Nasce o Fórum Nacional de Mobilização

O encontro aprovou a formação de um Fórum Nacional de Mobilização, reunindo um amplo espectro de forças políticas e sociais contrárias à retirada de direitos pelas reformas que estão por vir. O Fórum vai ser um contraponto ao Fórum Nacional da Previdência, criado pelo governo para dividir o ônus da reforma da Previdência, e que tem a participação de CUT e Força Sindical.

O calendário de atuação deste fórum tem três datas fundamentais: o 1º de Maio, com a realização de atos classistas em todo o país; uma semana de luta em maio e um ato nacional em Brasília no mês de agosto.

O 1º de Maio será um dia fundamental de lutas e mobilizações, bem mais amplo do que o tradicional 1º de maio de luta e classista realizado todos os anos. Com o eixo de luta contra as reformas, as mobilizações desse dia também trarão as principais reivindicações dos trabalhadores, como o aumento do salário mínimo e o não pagamento da dívida pública.

Já a semana de lutas, de 21 a 25 de maio, será marcada por paralisações, bloqueios de estradas, manifestações e demais atos públicos por todo o país. A idéia é denunciar as reformas à sociedade, chamando a atenção para os ataques do governo, além de reunir forças para uma grande mobilização unificada.

Tal manifestação ocorreria em agosto, em Brasília, reunindo milhares de pessoas contra as reformas do governo Lula.

Esse plano de mobilizações concretizaria de fato a unidade na luta. Porém, sua realização depende da consolidação do Fórum Nacional de Mobilização, aprovado no Encontro.

O QUE FOI DITO NO ENCONTRO

Foram inúmeras as falas no encontro destacando a importância da unidade e o caráter histórico do encontro para a recomposição do movimento sindical, popular e estudantil. Confira alguma delas.

"Se nós tivermos a capacidade de estabelecer esse diálogo e estabelecer alguns pontos comuns pra aumentar a nossa força, o encontro será um marco histórico"

PLÍNIO DE ARRUDA SAMPAIO, PSOL

"Isto é algo de que temos muito orgulho, mas estamos ainda mais orgulhosos por estarmos aqui. Se estamos aqui hoje é porque nosso sindicato aprovou, em seu último congresso, a filiação à Conlutas, entendendo que este é o caminho para reconstruir a unidade da classe"

PAULO RIZO, PRESIDENTE DA ANDES

"É possível lutar. É preciso vencer. Há quatro anos, muitas pessoas diziam que não seria possível reagrupar a esquerda, que sair da CUT seria um suicídio, que os socialistas não poderiam se reorganizar. E hoje, aqui, nós demonstramos não só que é possível reorganizar a esquerda, como também é possível lutar e é possível vencer"

VALÉRIO ARCARY, PSTU

"A CSC compreende que vamos avançar com unidade, estabelecer um plano de lutas e colocá-lo em ação. No primeiro mandato de Lula não tínhamos condições de construir essa unidade. E já nos primeiros meses do segundo mandato isso está sendo possível"

GILSON REIS, DA COORDENAÇÃO NACIONAL DA CORRENTE SINDICAL CLASSISTA

"É o aprendizado da convivência de um movimento amplo e das opiniões diferentes. O encontro demonstrou o crescimento dessa compreensão política e a necessidade da unidade. Tratou bem todas as forças presentes, mesmo sabendo que existem diferenças"

SERGIO MIRANDA, EX-DEPUTADO FEDERAL

"É um marco histórico para o movimento sindical e popular. Nesse sentido, acho que os companheiros do PSTU, que há algum tempo tomaram a iniciativa da construção da Conlutas, tiveram um papel importantíssimo de montar essa unidade que hoje se reflete aqui, unindo a Conlutas com a Intersindical e as federações"

BABÁ, EX-DEPUTADO FEDERAL, PSOL

"Temos de unir os trabalhadores para enfrentar Lula e o imperialismo. Por isso, chamamos a formação do Fórum, para dar continuidade às lutas, fazer greves, ocupações, mobilizações, fechar estradas e ocupar Brasília"

LUIZ CARLOS PRATES, O "MANCHA", SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

"Queremos estar junto nessa luta"

Durante o Encontro, o Opinião Socialista entrevistou Gilmar Mauro, da direção nacional do MST. Ele fala sobre a importância da unidade contra as reformas e diz que o governo Lula "não teve coragem de enfrentar o latifúndio".

Opinião Socialista - Qual é a sua avaliação do encontro?

Gilmar Mauro - Acho que é um excelente momento político. Tanto a Conlutas quanto a Intersindical tiveram a ousadia e a capacidade de conclamar a sua militância para esse encontro e demarcar um momento muito importante, muito rico, principalmente na perspectiva de reacender a luta social de massas.

Na luta contra o latifúndio e contra as reformas, o MST está pensando em que tipos de ações?

Gilmar - O que estamos dialogando com a Conlutas e a Intersindical é que no mês de abril nós vamos privilegiar ações contra o latifúndio, intensificando as ocupações de terra. Achamos que seria importante que a data contra as reformas burguesas fosse colocada para o final de maio, porque isso permitiria que a classe trabalhadora, com seus diversos agrupamentos, possa realizar diferentes lutas. Queremos estar junto nessa luta, de 21 a 25 de maio, estabelecendo uma data que unifique não só os que estão aqui, mas outros, como a Assembléia Popular, para fazer uma jornada unificada contra a política econômica e as reformas burguesas.

O governo lançou agora os números da reforma agrária do seu primeiro mandato. Dezenas de entidades questionaram. Qual é a opinião do MST?

Gilmar - Nós não temos nenhuma dúvida de que o Lula não fez a reforma agrária que prometeu. Não cumpriu com o plano lançado e que há muitas mentiras em torno dessa questão dos números, inclusive se repetindo o que foi o governo anterior. Mas o principal não é isso. Não é se assentou mil a mais ou mil a menos. O principal é que o governo Lula não teve e não terá coragem de enfrentar o latifúndio desse país. Esse é o problema de conteúdo.

Um importante chamado

DA REDAÇÃO,

Sem dúvida alguma, o Encontro Nacional contra as Reforma marca um novo momento do processo de reorganização dos trabalhadores brasileiros. Dentre as organizações que estavam presentes, se destacou o MST, representado por Gilmar Mauro. A perspectiva de realizar uma luta unitária com movimento empolgou todos as seis mil pessoas que estavam no ginásio. Algo que ficou bastante evidente quando todos cantaram a palavra de ordem "MST, estamos com você".

Na mesma perspectiva da unidade, foi também muito importante a presença dos companheiros da CSC.

Em primeiro lugar queremos saudar os companheiros por sua presença no evento, cujo caráter é organizar a luta contra as reformas do governo Lula. Saudar, em particular, a disposição do MST de realizar, junto com a Conlutas e a Intersindical, uma jornada de lutas contra as reformas na semana dos dias 21 a 25 de maio.

O MST conquistou enorme respeito dos ativistas por ocupar terras em defesa da reforma agrária. Entretanto, depois que Lula assumiu em 2002, o movimento vem perdendo parte de seu capital político em função do apoio ao governo.

Essa posição trouxe confusão e dispersão no interior dos movimentos sociais. Hoje não há como negar que Lula se tornou não só o principal inimigo na reforma agrária e o grande defensor do agronegócio, como também pretende destruir direitos históricos dos trabalhadores. Lula não foi à esquerda como desejava o MST e a CSC. Ao contrário, foi mais à direita, enviando tropas brasileiras para o Haiti, garantindo os maiores lucros da história para os bancos, recebendo Bush com tapete vermelho e, agora, chamando usineiro de "herói".

O Encontro do último dia 25 coloca a perspectiva da evolução das lutas no país. Lutas que têm endereço certo: o Palácio do Planalto. Não há como lutar contra as reformas neoliberais sem enfrentar o governo.

Por isso, além de saudar a presença do MST e da CSC no Encontro, queremos chamar estes companheiros a romper com o governo Lula para avançarmos de forma conseqüente na luta concreta.

PLENÁRIA DÁ A LARGADA NA LUTA CONTRA REFORMA UNIVERSITÁRIA

THIAGO HASTENREITER, da Secretaria Nacional de Juventude do PSTU

Vitoriosa, aguerrida e promissora. Não há outros adjetivos para descrever a Plenária Nacional Contra a Reforma Universitária e em Defesa da Universidade Pública, ocorrida no dia 26 de março em São Paulo. O evento reuniu CAs, DCEs e Executivas de Curso de todas as regiões do país, totalizando aproximadamente 1.200 estudantes.

A plenária foi iniciativa da Frente de Luta Contra a Reforma Universitária, da qual o Andes-SN faz parte, e contou com a participação de representantes do Sinasefe, do Vamos à Luta da Fasubra e demais sindicatos do movimento de educação.

O clima de unidade contra a reforma de Lula/FMI contagiou todos, ao som de palavras de ordem e uma empolgante bateria: "A unidade é pra lutar, pra não privatizar", cantavam os participantes.

A plenária foi iniciada com um painel sobre os principais pontos da reforma, onde o professor Paulo Rizzo, presidente do Andes-SN, destacou as armadilhas do Projeto de Lei 7.200/06 e resgatou o papel histórico e decisivo dos movimentos sociais na defesa da universidade pública.

Ainda pela manhã, instalaram-se os Grupos de Discussão (GDs), onde todos os estudantes puderam expor democraticamente suas opiniões sobre a reforma, o calendário de lutas e as alternativas para o movimento estudantil.

Terminados os GDs, a plenária final aprovou por aclamação, entre outras iniciativas, a realização de manifestações nos estados no dia 17 de abril, em sintonia com a paralisação dos servidores federais e o "Abril Vermelho" do MST. Outra data importante será o 24 de maio, dia nacional de ocupação de reitorias contra a reforma e em defesa da assistência estudantil.

Os estudantes deliberaram também fortalecer a marcha a Brasília, que será realizada no segundo semestre em conjunto com os trabalhadores, para denunciar as reformas neoliberais.

Infelizmente, não houve consenso na construção de um encontro nacional contra a reforma Universitária, onde se pudesse discutí-la com mais profundidade e planejar os futuros enfrentamentos contra o governo, embora a disposição da maioria dos presentes apontasse nessa perspectiva. Inclusive, alguns fóruns do movimento, como o congresso dos estudantes da UFPA, já votaram resoluções nesse sentido.

Ao final, os estudantes saíram em passeata pela avenida Tiradentes e concluíram a manifestação em frente à Fatec.

O desafio agora é reproduzir nas universidades e escolas as discussões, construir plenárias estaduais e formar comitês de base para massificar a campanha contra a reforma.

A plenária foi um marco para o movimento estudantil independente. Pela primeira vez, desde o início do governo Lula, se forjou uma sólida unidade em torno da bandeira de luta contra a reforma. Essa unidade deve ser concretizada na base e no cotidiano de cada universidade. A essa altura, Lula e a sua amiga UNE já perceberam que a reforma não passará tão facilmente quanto desejavam...

CONLUTAS

CONLUTAS FAZ REUNIÃO INTERNACIONAL

O haitiano Didier Dominique

DIEGO CRUZ, da redação

No dia 23 de março, a Conlutas realizou uma reunião com várias representações internacionais, a fim de estreitar relações e trocar experiências na luta contra o neoliberalismo. Compareceram o sindicalista haitiano Didier Dominique, do Batalha Operária, o dirigente da COB (Central Operária da Bolívia), Ramiro Condori, além de representantes da Corrente Sindical Classista e Combativa (CSCC), tendência de oposição à Central Única do Uruguai.

A reunião mostrou que, embora as realidades sejam distintas, os problemas enfrentados pelos trabalhadores dos diferentes países são bem semelhantes.

UNIDADE CONTINENTAL

Segundo José Maria, que abriu a reunião, o encontro visava "trocar informações, idéias e aproximar as lutas dos diferentes países". Ele explicou aos sindicalistas estrangeiros todo o processo de adaptação da CUT, que atingiu seu auge com a eleição de Lula, assim como a construção e fortalecimento da Conlutas enquanto alternativa.

Já o dirigente da COB falou sobre a adaptação que grande parte dos dirigentes sindicais e partidos de esquerda do país sofreram ante o aparelho do Estado. "Partidos que antes se denominavam de esquerda estão agora juntos com a oligarquia boliviana", afirmou.

O sindicalista haitiano, Didier Dominique, que percorreu o Brasil denunciando a ocupação militar que seu país sofre, explicou as décadas de pilhagem e exploração que o Haiti sofre nas mãos do imperialismo. "Destruíram toda a produção para que a mão-de-obra do país não tenha alternativa a não ser aceitar a exploração das multinacionais, principalmente da indústria têxtil", disse. O salário médio pago no país pelas transnacionais é de apenas 1,50, 1,65 dólar ao dia.

PRÓXIMOS PASSOS

Os sindicalistas aprovaram a elaboração de uma pré-convocatória chamando a realização de uma reunião mais ampla, com vistas à preparação de um encontro internacional em 2008. A pré-convocatória trará as principais lutas e reivindicações dos trabalhadores no continente, como a nacionalização dos recursos naturais, o não pagamento da dívida externa e a retirada das tropas invasoras do Haiti.

LUTA CONTRA OPRESSÃO TAMBÉM SE FEZ PRESENTE

WILSON H. SILVA, da redação

No decorrer dos debates do encontro, a defesa da unidade em torno de um programa de luta foi feita, respeitando a enorme diversidade existente no interior da classe trabalhadora e da juventude. Afinal, alí estavam presentes negros e brancos, mulheres e homens, homossexuais e heterossexuais.

Foi em função disso que, no dia anterior, dezenas de ativistas da Conlutas se reuniram nos Grupos de Trabalho de Mulheres e GLBT e Negros e Negras. Os GT´s discutiram propostas para o Plano de Ação apresentado no Encontro.

Reunindo-se apenas dois dias após mais um crime racista – ocorrido em São Luis (MA), onde PMs espancaram até a morte o artista negro Geremias Pereira da Silva (Gerô) –, o GT de Negros e Negras aprovou uma campanha de denúncia da violência racial e contra o rebaixamento da maioridade penal. Além disso, também foi reafirmada a defesa de políticas de reparações (incluindo cotas nas universidades públicas), a retirada das tropas do Haiti, a solidariedade à luta dos povos quilombolas e a denúncia do governo Lula, que nada faz para combater o racismo.

Apresentando as propostas em nome do GT, Manoel Crispim (Sindsprev-RJ) e Dayse Oliveira (Sepe-RJ) também destacaram a importância de apresentar ao movimento negro uma alternativa classista e anticapitalista na luta contra a opressão racial.

Esta também foi a tônica das propostas apresentadas pelo GT de Mulheres e GLBT. Segundo Janaína Rodrigues, da Oposição Alternativa da Apeoesp, na reunião foi feita uma ampla discussão sobre as cotas para mulheres nas diretorias de sindicatos e sobre como fortalecer o movimento GLBT com um marco classista. Ao final, a reunião aprovou como eixo para este ano a consigna "Contra todas as formas de violência machista e homofóbica". Além disso, foram apresentadas as propostas de uma campanha nacional pela legalização do aborto e a denúncia das conseqüências das reformas neoliberais entre os mais oprimidos, como negros e mulheres.

CAMPANHA PELA REINTEGRAÇÃO DE DEMITIDOS DA VOLKS GANHA FORÇA

EMANNUEL DE OLIVEIRA,
de São Bernardo do Campo (SP)

No dia 22 de março, quinta-feira, na portaria da planta Anchieta da Volkswagen, foi realizado um ato com diversos sindicatos, movimentos sociais e estudantis para exigir a reintegração dos diretores do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC demitidos em novembro. Entre as entidades presentes, estavam: Sindserv de Santo André; Sintrajud; Apeoesp de Diadema, Guarulhos e SBC; oposição de Correios; oposição de Metalúrgicos do ABC; Associação Oeste de Diadema; Conlute; Centro Acadêmico da Fundação Santo André; estudantes da USP e da Unesp. Também compareceram **PSTU**, PSOL, POR e PCB.

O ato contou com a presença do ex-candidato a governador pela Frente de Esquerda, Plínio de Arruda Sampaio, que, ao fazer uso da palavra, relembrou sua ida aos EUA com Vicentinho para evitar as demissões na Ford. Ele cobrou da direção do sindicato a presença no ato e disse que "*a direção do sindicato não pode fazer política miúda, tem de esquecer as divergências internas nesse momento. Eu gostaria de estar aqui ao lado do Feijó [presidente do sindicato] contra esse ataque da Volks*". Ao final da sua fala, Plínio se mostrou indignado com o que a Volks está fazendo. "*Essa multinacional não respeita os trabalhadores nem as leis do país*", concluiu.

CAMPANHA INTERNACIONAL

A campanha pela reintegração dos dois diretores demitidos – Rogerinho e Biro-Biro – tomou força, chegando à Europa. Diversas mensagens chegam todos os dias, vindas de Portugal, Espanha, Bélgica, Alemanha, Argentina, Peru, Colômbia, Venezuela, entre outros.

Centenas de moções de repúdio, exigindo a reintegração, chegam de todo o país. A campanha também tem contado com declarações de líderes de bancadas dos partidos na Câmara de Deputados. Na Câmara de Vereadores de Campinas, uma moção pela reintegração dos dois diretores demitidos foi aprovada.

ONDE ESTÁ A DIREÇÃO DO SINDICATO?

No segundo ato realizado na Volkswagen, a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC não compareceu mais uma vez. Apesar de dizer que está "solidária", a direção majoritária ainda não assumiu a campanha, se restringindo a agradecer as mensagens que recebe.

Em assembléia realizada no dia 21, um dia antes do ato, a direção do sindicato discutiu hora-extra na fábrica. O coordenador do Comitê Sindical de Empresa, Wagner Santana, chegou a mencionar as demissões dos diretores, mas fez uma ressalva: "*as duas demissões não terão tratamento diferenciado das demais*", dizendo que estava conversando com a empresa sobre o assunto.

Por mais absurdo que pareça, a direção do sindicato ainda não escreveu uma linha sequer no jornal da entidade, o Tribuna Metalúrgica. Tampouco comunicou o fato à categoria. Essa postura é lamentável, pois a oposição envia sistematicamente cartas e informes sobre a campanha, além de repassar todas as correspondências para a direção do sindicato.

Entretanto, após a realização do ato ocorreu uma reunião entre os membros oposição com a direção do sindicato. Segundo um dos participantes, a direção do sindicato disse que estava conversando com a empresa e disse que vai levar o caso até a matriz na Alemanha.

Cartaz da campanha

ENCONTRO EXIGE READMISSÃO DE DEMITIDOS

O encontro contra as reformas fez uma saudação especial aos metalúrgicos demitidos da Volks. Rogerio Romancini e Biro-Biro foram ao palco com uma faixa, que dizia "Não às demissões na Volks. Não à retirada de direitos!".

Uma banca da campanha pela reintegração imediata dos diretores demitidos também foi montada no evento. Centenas de ativistas passaram por lá, depositando doações para a manutenção do acampamento que permanece em frente à fábrica.

MOVIMENTO SEM-TETO

MTST REALIZA NOVA OCUPAÇÃO

DA REDAÇÃO,

Desde a noite do dia 16 de março, famílias ligadas ao MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) montaram suas barracas num terreno de mais de 1 milhão de metros quadrados em Itapecerica da Serra, zona sul de São Paulo.

A ocupação conta com mais de 2.500 famílias da região, que viviam em situação precária de moradia em favelas, áreas de risco, casas de favor e na rua, além das pessoas que não conseguem mais pagar o aluguel porque estão desempregadas ou porque o valor consome quase toda a sua renda, não sobrando dinheiro para as necessidades básicas. São famílias dispostas a lutar pacificamente pelos seus direitos depois de tanto descaso.

O terreno ocupado foi leiloado pelo Banco do Brasil e, atualmente, pertence a duas empresas, que utilizam a área para especulação imobiliária. Com tanta carência habitacional na região, o terreno não cumpre nenhuma função social, o que contraria a Constituição.

O representante legal da empresa proprietária do terreno, Itapecerica Golf Urbanização Ltda., é também sócio-fundador de um dos maiores escritórios de advocacia do país. Ele obteve no dia 25 uma liminar de reintegração de posse, expedida por uma juíza de plantão. O MTST recorreu da decisão, entrando com um agravo, e aguarda o julgamento do processo.

No dia 27 estava marcada uma grande passeata de todas as ocupações de São Paulo até a sede do governo estadual, exigindo o fim da repressão ao movimento dos sem-teto.

Os sem-teto necessitam de toda ajuda possível e de solidariedade para enfrentar as ameaças da PM e as ordens de despejo.

SOLIDARIEDADE

As declarações de apoio devem ser enviadas para o seguinte fax:
Conlutas - (11) 3107-7984, com o texto abaixo:

"*Solicitamos que a Polícia Militar de São Paulo respeite o direito e não reprima os trabalhadores e as crianças da Ocupação João Cândido*".

"VAMOS FAZER UMA LUTA FRONTAL CONTRA O GOVERNO MORALES"

Traição de antigos dirigentes e cooptação de sindicatos e movimentos sociais. Uma história que os trabalhadores brasileiros já conhecem muito bem. No entanto, essa é a realidade também na Bolívia, sob o governo do ex-líder "*cocalero*" Evo Morales. O Opinião Socialista conversou com o dirigente da histórica Central Operária Boliviana (COB), Ramiro Condori, Secretário de Finanças da entidade. Condori participou do Encontro Nacional contra as Reformas e da reunião internacional realizada pela Conlutas, no dia 23 de março.
Na entrevista, Ramiro desmistifica as "nacionalizações" feitas pelo governo boliviano e denuncia a intervenção de Morales nos sindicatos e na COB.

DIEGO CRUZ, *da redação*

KIT GAION

Opinião Socialista – Morales foi eleito defendendo a nacionalização dos recursos naturais bolivianos. No entanto, a nacionalização anunciada por ele não corresponde às reivindicações dos movimentos sociais do país. Qual é a posição da COB diante disso?

Ramiro – Nós temos denunciado que o exemplo de nacionalização dos recursos que está sendo aplicado não é, de fato, uma "nacionalização". É uma revisão dos contratos firmados pelos governos anteriores com as empresas transnacionais. Na verdade, é apenas uma adequação dos contratos que, todavia, seguem nas mãos das empresas transnacionais. Para nós, não há nenhuma nacionalização. O mesmo ocorre com as mineradoras. O que Evo está fazendo com a Mina Huanuni, na verdade, não é nacionalização. Estão mentindo para o povo boliviano e para todo o mundo quando dizem que a Bolívia está recuperando os recursos naturais para os bolivianos. Isso é uma completa falácia, uma mentira criada pelo governo.

Qual é a relação da COB e dos movimentos sociais da Bolívia com o presidente Evo Morales?

Ramiro – Lamentavelmente, nós bolivianos apostamos numa mudança nas eleições de 2003 e 2005. Uma mudança do modelo neoliberal. Mas parece que estávamos equivocados, porque a pessoa que apoiamos nas urnas foi o então companheiro Evo Morales. Contudo, desde que assumiu a presidência, Morales está tentando dividir os diferentes setores sociais, ou seja, os sindicatos, federações e confederações. Hoje, o movimento operário na Bolívia está muito incomodado com essa atitude. Seguramente, agora vamos fazer a luta frontal contra esta situação e, para tal, elaboramos uma pauta unificada dos trabalhadores da Bolívia, reivindicando que nossas demandas sejam atendidas. Caso não nos atendam, temos conversado com os demais setores sociais para que seja realizada uma greve nacional com todos os setores estratégicos do país, como mineiros, trabalhadores universitários e camponeses. Se não houver uma resposta rápida, iremos fazer marchas e bloqueios de estradas até que o governo nos atenda.

Como Morales está dividindo os movimentos sociais?

Ramiro – Evo está promovendo a participação dos dirigentes em seu governo, buscando a cooptação dessas entidades. Companheiros que eram comprometidos unicamente com as lutas dos trabalhadores, agora estão ocupando cargos na administração pública, como Abel Mamani (*ex-líder da federação das associações de moradores da região de El Alto*), que é Ministro de Águas e tem buscado cooptar o resto do movimento. Outro dirigente, que acaba de sair do ministério, é o companheiro Alex Galvez, um ex-metalúrgico. O mesmo aconteceu com outros companheiros que se venderam a esse governo por dinheiro. Quanto a isto, nós, da COB, temos uma posição clara: todos os dirigentes devem ter independência sindical e política para que a Central não se comprometa, institucionalmente, com nenhum partido político, mas, sim, lute em defesa de todos os trabalhadores bolivianos.

Qual é a posição da COB diante desta situação?

Ramiro – Antes de entrar no governo, Evo firmou um pacto com a COB, dizendo que iria lutar para respeitá-lo. Mas, agora, ele está descumprindo esse acordo. Temos denúncias e as fazemos publicamente. Antes de chegar ao governo, Morales, por exemplo, prometeu um salário mínimo de 1800 bolivianos. Atualmente, contudo, o salário é de 550 bolivianos, o que equivale a cerca de 75 dólares. Nesse sentido, esse governo é uma mentira. Vamos continuar esperando que o governo nos receba com nossas reivindicações. Se não nos receber, vamos impulsionar uma série de mobilizações.

NAS RUAS CONTRA A GUERRA

BRIAN JONES E ELIZABETH SCHULTE, *do International Socialist Organization (ISO, EUA)*

Do Pentágono, em Washington, às ruas de Los Angeles, dezenas de milhares de pessoas reuniram-se nos Estados Unidos para fazer parte dos protestos internacionais no quarto aniversário da invasão do Iraque.

Em Washington, no dia 17, cerca de 10 mil pessoas enfrentaram os ventos gelados em uma marcha rumo ao Pentágono. À frente da marcha, vários jovens carregavam cartazes do "Veteranos do Iraque Contra a Guerra" (IVAW, em inglês). O bloco do IVAW foi seguido pelos "Veteranos do Vietnã Contra a Guerra", que lideraram a famosa marcha ao Pentágono em 1967. Outra importante ala da marcha foi composta por jovens e estudantes, liderados pela "Rede Campus Antiguerra" (CAN, em inglês).

Muitos manifestantes expressavam sua revolta com os imensos gastos do governo com a guerra e a ocupação.

OUTROS PROTESTOS

As manifestações nos EUA foram parte de um esforço internacional que levou mais de 100 mil pessoas às ruas em Madri, na Espanha; 30 mil em Roma, na Itália; três mil em Istambul, na Turquia; e mil na Grécia.

Ainda nos EUA, no dia 18, cerca de sete mil manifestantes, dentre membros do IVAW e da Federação Unificada dos Professores, tomaram as ruas de Nova York. Na mesma noite, ativistas antiguerra convocados pela Code Pink e pela ISO, protestaram em frente a um evento de arrecadação de fundos para a senadora democrata Hillary Clinton, pré-candidata à presidência.

No mesmo dia, em São Francisco, cerca de 15 mil pessoas saíram às ruas. Em Portland, no estado do Oregon, foram outras 15 mil. No dia anterior, em Los Angeles, uma multidão multirracial de dez mil, que incluía vários grupos de muçulmanos e palestinos, já havia marchado pelo coração de Hollywood.

Em Seattle, no estado de Washington, duas marchas reuniram cinco mil pessoas, dentre jovens, estudantes e soldados, repetindo cenas que foram vistas em outros grandes centros urbanos, como San Diego, ou até mesmo em pequenas cidades.

PSTU DISCUTE ATUALIDADE DO SOCIALISMO

Com o objetivo de discutir com todos os ativistas a estratégia socialista, o PSTU deu início a uma série de discussões sobre o tema da Venezuela e o "socialismo do século 21" propagado por Hugo Chávez. As últimas edições do Opinião Socialista têm buscado aprofundar cada ponto do governo Chávez, de seu programa e de sua natureza. O último número trouxe um especial sobre o "socialismo do século 21". Houve um grande interesse por parte da vanguarda e centenas de exemplares foram vendidos no Encontro Nacional Contra as Reformas do dia 25 de março.
Agora, queremos ampliar este debate. No próximo período, vamos promover palestras nas sedes do partido. As primeiras já estão marcadas e convidamos todos a participarem.

***LUCIANA CÂNDIDO**, da redação*

Um momento importante para essa discussão foi a palestra com Valério Arcary, promovida pelo **PSTU** no intervalo da Plenária Nacional Contra a Reforma Universitária e em Defesa da Educação Pública, em São Paulo. Cerca de 600 ativistas do movimento estudantil – majoritariamente – e do movimento popular assistiram com atenção à explanação de Arcary sobre a Venezuela e o que está por trás do socialismo do século 21.

Arcary iniciou sua fala indicando o lugar que ocupa a discussão acerca do socialismo em cada época. Durante a década de 90, com a queda do muro de Berlim e a ofensiva neoliberal, a esquerda foi sacudida por um vendaval oportunista: muitos se perderam, acreditando que não havia mais saída por fora do capitalismo. Falar de socialismo, luta de classes, revolução mundial, ditadura do proletariado era considerado "*fora de moda*", os marxistas revolucionários eram vistos como verdadeiros dinossauros.

Hoje, dez anos depois da tão proclamada "*vitória do capitalismo sobre o socialismo*", a panacéia da globalização e do neoliberalismo provou que não era capaz de resolver os mais básicos problemas dos trabalhadores. A verdade era o oposto: a precarização do mundo do trabalho se propagou em níveis assustadores. A exploração, a fome, a miséria e as diferenças entre pobres e ricos só se alargaram. A situação mundial mudou e a vanguarda voltou a discutir projetos estratégicos. O debate sobre o socialismo começa a ser retomado.

Arcary explicou que é justamente nos países periféricos que encontramos os pontos mais fracos do capitalismo. Não é à toa que na América Latina o século 20 foi marcado por grandes ondas revolucionárias.

O século 21 já se inicia com uma nova onda de revoluções no continente, aberta a partir de 2000, com o levante equatoriano, e depois processos revolucionários pelo menos na Bolívia, na Argentina e Venezuela. As massas trabalhadoras vão às ruas em resposta aos planos de recolonização do imperialismo que ataca brutalmente seu nível de vida. "*Pela quarta vez, no intervalo de três gerações, os nossos povos latino-americanos são colocados em movimento e partem para esta luta com uma experiência histórica anterior*", afirmou.

E é nesse contexto que surge Hugo Chávez, que joga poeira nos olhos da esquerda, causando grande confusão. Boa parte da esquerda – que não havia se perdido na queda do Leste – está agora embriagada pela retórica antiimperialista de Chávez. Ao mesmo tempo em que promove uma cruzada anti-Bush no continente, Chávez segue pagando a dívida de seu país ao imperialismo, ajudando a financiar as guerras e a patrocinar a manutenção da exploração e da miséria no mundo.

Tampouco Chávez representa a classe trabalhadora venezuelana. Chávez reproduz uma fórmula que nada tem de novo: um governo nacionalista-burguês, com um programa burguês e um discurso de esquerda. Entretanto, como afirma Arcary, "*não julgamos os governos pela literatura que eles produzem, mas pelo que eles fazem*".

A classe trabalhadora latino-americana sofreu uma série de desilusões nos últimos anos, depositando esperança em governos de Frente Popular, que logo mostraram estar do lado do capital. É obrigação dos revolucionários buscar a independência da classe, impulsionando a organização independente dos trabalhadores e apresentando-lhes um programa que tenha como estratégia não só a luta antiimperialista e anti-capitalista, mas a construção de uma sociedade socialista.

Venha para o PSTU!

Para nós do PSTU, esse é um debate precioso que queremos fazer com cada ativista que esteja disposto a lutar por uma nova sociedade, onde não exista mais a exploração do homem pelo homem. Isso só será possível de ser atingido pelas mãos da própria classe trabalhadora. Nós queremos expandir esse debate para cada cidade onde o nosso partido esteja presente. E queremos você no PSTU, construindo a revolução para a verdadeira emancipação de todos os explorados.
Veja, abaixo, as próximas palestras.

ALEX LEME

ABC
"Chávez: Socialismo do Século 21 ou Nacionalismo burguês?"
31 de março, às 16h30, na sede de São Bernardo do Campo, SP – Tel.: (11) 4339 7186

Baixada Fluminense (RJ)
"Balanço e perspectivas do ato do dia 25 e debate sobre governo Chávez"
29 de março
novaiguacu@pstu.org.br

Rio de Janeiro (RJ)
"Venezuela: o chavismo e o socialismo do século 21"
13 de abril – Tel.: (21) 2232 9458

São Paulo (SP)
"Chávez: nacionalismo do século 21 ou nacionalismo burguês?"
14 de abril, às 16h, na sede do PSTU do centro
Tel.: (11) 3313 5604

Belém (PA)
"Chávez: nacionalismo burguês ou socialismo do século 21?"
30 de março, na sede do PSTU de Belém – Tel.: (91) 3226 3377

*Veja os endereços de nossas sedes na página 3.